André Pomponet

5,3 mil homicídios em Feira no século XXI

André Pomponet - 04 de fevereiro de 2020 | 20h 02

Faltam, ainda, onze meses para a década terminar. Mesmo assim, desde já, pode-se afirmar que este é o decênio mais violento da história da Feira de Santana. Somando tudo desde 2011 – os dados são oficiais, da Secretaria da Segurança Pública – até 2019, são exatas 3.134 mortes contabilizadas. Na década anterior somaram-se precisas 2.159 mortes. Um salto de 45,15%.

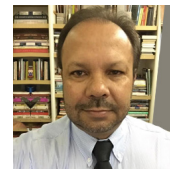
Aqueles que apertam o gatilho – e que nem sempre são identificados – seguem atuando com desenvoltura: só em janeiro foram mais de 30 mortes. Em fevereiro, que apenas começou, a estatística macabra segue se ampliando, com mais cadáveres contabilizados. "Todo dia morre um em Feira de Santana" comenta o povo, pelas esquinas, com ar de espanto, todos os dias.

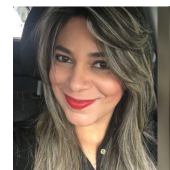
Desde 2001 e até 2019 foram assassinadas 5.293 pessoas no município. Somados ao estoque de 2020, já se ultrapassou a marca dos 5,3 mil homicídios. É quantidade suficiente para um conflito de grandes proporções, a exemplo daquelas guerras sangrentas que rebentam em remotas regiões do planeta.

Mas, por aqui, a tragédia não desperta indignação. Ao contrário: a moda é matar, conforme se vê com a defesa enfática do "excludente de ilicitude", aquela licença para as polícias apertarem o gatilho sem maiores embaraços. Cristãos piedosos alegam, confortados, que só morrerão os "marginais".

Guerra não declarada

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira
Os riscos da menstruaç erotização infantil e a d do governo
As tragédias dos alaga nossas cidades não são da natureza e sim humanas

André Pomponet
5,3 mil homicídios em F século XXI
Petismo está endireita

Emanuela Sampaio
Denivaldo Santos : aniv uma longa história no j
Ana Virgínia celebra ma de uma vida intensa

César Oliveira- Crô
Desistências
Setembro não é longe d

AS MAIS LIDAS HOJE

1
Prefeitura de Feira esclarece compra de frango para merenda escolar de quase

2

Quem são os marginais? Ou, melhor dizendo – já que aqui se atravessa uma interminável guerra no varejo, não declarada –, quem são os inimigos internos a serem abatidos? Os jovens pobres, negros, pardos, residentes nas favelas, periferias e mocambos, com pouca instrução e sem emprego formal.

O fato de apenas parte deles serem envolvidos com o crime não sensibiliza: basta reunirem essas características para serem relegados à condição de suspeitos, alçados à linha de tiro. Quando morrem as explicações são as mesmas: tombaram na guerra de facções, estavam inadimplentes com traficantes de drogas, foram justiçados por crimes contra o patrimônio.

Na década que finda em dezembro, só em 2015 houve menos de 300 mortes, quando sucumbiram 279 pessoas, segundo a estatística da SSP. Nos demais sete anos foram sempre mais de três centenas. A exceção foi 2012, quando inacreditáveis 412 tombaram nesta guerra urbana. Em um único dia – durante um motim da Polícia Militar – foram mais de 40 assassinatos.

Até algum tempo atrás ainda havia contraponto a esse extermínio. Só que, hostilizados e rotulados como "defensores de bandidos" pelos entusiastas da barbárie, os defensores dos Direitos Humanos perderam protagonismo. Foram acuados com o triunfo do *Tanatos*, por essa pulsão pela morte tão comum nesse Brasil atual.

O momento é de refluxo, mas a sensatez sinaliza que é necessário sustentar a árdua batalha contra a barbárie. Ou alguém considera promissor o futuro de um País que registra dezenas de milhares de assassinatos todos os anos?

Aos 91 anos, médico mais idoso em ati
Feira de Santana é homenageado no H
Mulher

3 Novo vídeo mostra Tony Salles xingand
de Capela antes do show

4 Irecê: PF cumpre mandados de prisão c
acusado de fraudar previdência

5 Rui rebate Bolsonaro e diz que governo
deveria abrir mão dos impostos de com

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Petismo está endireitando

Uma crônica de Aloísio Resende sobre o cinema

Surpresas climáticas do imprevisível verão de 2020